

## **ANALISE SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA REDE PÚBLICA ESTADUAL DA CIDADE DE JOÃO PESSOA - PB: O QUE TEMOS DE NOVO?**

Vilma de Lurdes Barbosa<sup>1</sup>

Antônio Fernando Cordeiro Guedes Junior<sup>2</sup>

A universidade tem se constituído, através dos cursos de Licenciatura, a principal responsável pela formação de professores, para tanto, apresenta nesses cursos, uma estrutura curricular que congrega disciplinas de conteúdo específico de cada área e disciplinas pedagógicas, possibilitando a interação entre a aquisição de concepções de ciência e de educação.

Essa vinculação entre conhecimentos nem sempre é observada na prática cotidiana dos professores. Refletir sobre esse processo requer um contato direto com os sujeitos envolvidos – professores e alunos, e, apreender como se dá a formação docente associada à prática profissional.

Neste sentido, desenvolvemos durante o segundo semestre do ano de 2009 e agora no ano de 2010 uma pesquisa junto ao Programa de Licenciatura – PROLICEN da UFPB, tendo como objetivo proceder a uma análise sobre o ensino de história na rede pública estadual da cidade de João Pessoa. Esta análise tem um caráter comparativo com os resultados obtidos em uma versão similar da pesquisa realizada nos anos de 1994 e 1995, também como atividade do PROLICEN.

A equipe de pesquisa é composta por três professores do Departamento de Metodologia da Educação do Centro de Educação, sendo que dois deles participaram da versão da pesquisa na década de 1990<sup>3</sup>, cinco alunos de graduação em História, todos cursando a disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado<sup>4</sup>.

As preocupações que estimularam a realização da 1ª pesquisa foram consideradas para a retomada do trabalho, agora com o foco numa análise comparativa, na qual procuramos apreender as mudanças e permanências no ensino de história, especialmente no que se refere a formação do professor suas concepções da ciência histórica, sua prática docente, as condições de trabalho e aspectos do processo de

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Metodologia do Ensino/CE e do Programa de Pós Graduação em História/CCHLA da UFPB

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da UFRN

<sup>3</sup> Professores doutores Vilma de Lurdes Barbosa, Severino Bezerra da Silva e Suelídia Maria Calaça.

<sup>4</sup> Paulo César Gomes da Silva (bolsista 2009), Fabiolla S. M. de Lemos Furtado Leite (bolsista 2010), Giulia Carolina de Melo (bolsista 2010) Antônio Fernando Cordeiro Guedes Junior (voluntário), Sylvia B. R. Brito (voluntária).

aprendizagem dos alunos dos anos terminais do ensino fundamental e médio (9º e 3º anos, respectivamente).

Os produtos finais da pesquisa de 1994/95 foram a elaboração do Relatório PROLICEN; a publicação em 1996, de um livro com caráter interdisciplinar abordando os resultados da pesquisa - *Revelando o ensino público: o entendimento de professores e alunos sobre o ensino de Biologia, Geografia, História e Psicologia*; a oferta, também no mesmo ano, do projeto Oficinas Pedagógicas: uma experiência possível, destinada aos professores da rede pública em geral, com convite especial aos professores da rede que participaram da pesquisa. Essas oficinas tiveram como objetivo, contribuir na formação continuada dos professores, focando áreas identificadas na pesquisa que apresentaram maior fragilidade na formação e atuação dos professores pesquisados.

Passados 14 anos da execução da pesquisa nas escolas públicas e das reflexões empreendidas à época, resolvemos como professores da Disciplina de Prática de Ensino em História submeter um projeto de pesquisa/estudo ao PROLICEN/2009, na perspectiva de refletir sobre os mesmos temas tratados no PROLICEN/1994 e observar o cenário atual do ensino de História nas escolas públicas, empreendendo uma análise comparativa.

Para a versão 2009 do projeto, dedicamos leituras da bibliografia pertinente ao tema, além de proceder o delineamento das instituições de ensino fundamental e médio (públicas) que foram pesquisadas em 1994/95, buscando efetivar a ação de pesquisa sobre o ensino de história nas mesmas instituições<sup>5</sup>.

A respeito do trabalho de campo, a equipe de professores(as) e alunos(as) a partir de reflexões tendo como foco os instrumentos de pesquisa utilizados na 1ª pesquisa, procedeu a re-elaboração e as modificações pertinentes para a elaboração de um novo questionário que foi aplicado nas escolas.

Com os dados coletados e sistematizados iniciamos a análise reflexiva sobre os mesmos e as possíveis relações com os dados coletados no projeto anterior. Entendemos que existe uma necessidade premente de pesquisas que gerem produções textuais locais baseadas na constatação das condições de ensino e aprendizagem de história, na

---

<sup>5</sup> Lyceu Paraibano, Escola Estadual de Ensino Médio Professora Úrsula Lianza, Escola Estadual Raul Córdula, Escola Estadual Normal Maria do Carmo Miranda, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Luzia Simões Bartolini, Centro Profissionalizante Deputado Antônio Cabral, Escola Estadual Luiz Ramalho

perspectiva de ofertar aos alunos da Licenciatura, no seu estágio de formação docente, elementos imprescindíveis à sua formação acadêmica.

Refletir sobre o ensino de história ainda na graduação é uma prática importante e imprescindível à formação dos alunos. Levar essas reflexões aos professores que lidam cotidianamente com o ensino de história na rede pública de ensino fundamental e médio, é de igual forma necessária.

Um projeto de pesquisa que coloca como tarefa refletir sobre esse tema extremamente atual, procedeu uma revisão da historiografia do ensino de história e inevitavelmente, enveredou pelas discussões do presente. Por isso, a pesquisa ora apresentada nesse artigo, se insere na *história do tempo presente* (PORTO JR:2007), que procura recuperar situações sociais vividas, aspectos culturais e políticos da contemporaneidade, no qual tanto pesquisadores quanto pesquisados fazem parte do momento histórico e nele interferem como agentes presentes e futuros.

Embasados nas novas concepções de história que ganharam notoriedade no Brasil, a partir da década de 1970 e, baseadas principalmente na produção historiográfica francesa e inglesa HOBBSAWN(1998), MEDEIROS(2009), BURKE(1992), THOMPSON(1981), novos objetos e abordagens têm se tornado frequentes nos estudos acadêmicos desenvolvidos no país. Entre elas, concepções de micro história DOSSE(1992), *a história vista de baixo* SHARPE (1992) e histórias locais BARBOSA(2005; 2006) BIRSACK (1992) tem se preocupado com o estudo de realidades locais, de diversos sujeitos e grupos sociais.

No caso da historiografia da educação brasileira SOUZA(2008), FONSECA&VEIGA(2003) e em especial do ensino de história ABREU&SOIHET(2003), BITTENCOUR(2005) GASPARELO, MAGALHÃES, MONTEIRO(2007) MONTEIRO(2007), podemos perceber, nas obras de referencia bibliográfica de circulação nacional que predomina o enfoque mais geral, dando conta de questões nacionais. O específico, o singular, o particular desse objeto de estudo – a historiografia do ensino de história, nas realidades locais, embora já com considerável produção, essas se encontram dispersas e fragmentadas em trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações e teses, que muitas vezes se torna de difícil acesso para consulta e leitura por aqueles que estão em processo de formação nas licenciaturas e para os que já exercessem a profissão como regentes do ensino de história.

As reflexões sobre as realidades locais do ensino de história aportadas em reflexões regionais, nacionais e internacionais, podem se tornar um meio eficaz de auto-

avaliação, de apreensão das permanências e mudanças ocorridas, de reavaliação de práticas de formação e de docência.

É nesse sentido que analisar as opiniões de professores e estudantes de ensino fundamental e médio sobre o ensino que se pratica no âmbito escolar local se torna pertinente. Comparar práticas e discursos FRANÇOIS(1998), como proposto, a partir do que se tem como produto de pesquisa sistematizado e divulgado (SILVA In. PINHEIRO, 1996) e uma nova incursão de pesquisa nas escolas hoje, propiciará leituras e entendimentos diversos dessa prática de ensino e, conseqüentemente, poderá estimular uma formação acadêmica e uma prática profissional reflexiva e contextualizada.

Assim a disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em História, ofertada no quadro das disciplinas pedagógicas é um momento de formação fundamental que tem a característica de unir o conteúdo de várias áreas e a prática docente. Assim, para além de contemplar métodos e técnicas de ensino essa disciplina, considera aspectos históricos, teórico-metodológicos, de legislação, de produção e uso de materiais didáticos, entre outros.

A observação de aspectos históricos de implementação e desenvolvimento dessa disciplina instrumentaliza os licenciandos em sua formação para uma prática fundamentada e coerente. Assim, estudar sobre o ensino de história é fundamental, tanto na fase de formação acadêmica na graduação, quanto na prática diária dos profissionais que já exercem o magistério. É nesse sentido que uma pesquisa que se propõe a refletir sobre esses aspectos tem como lócus privilegiado a academia que, através de projetos de pesquisa, ensino e extensão, podem efetivar um desenho do panorama em que se dá o ensino.

Na composição do Plano de Curso para as disciplinas de Prática de Ensino em História e Estágio Supervisionado na UFPB, se apresenta um estudo que introduz um regate do ensino de história na perspectiva de uma historiografia do ensino de história **no Brasil**, é exatamente nesse aspecto que se apresenta um hiato no que diz respeito ao caso específico do ensino de história (fundamental e médio) **na Paraíba**, espaço por excelência de futura atuação dos formandos e de atual prática cotidiana dos professores nas escolas públicas e privadas.

Ao revisitar a pesquisa realizada em 1994/5 e empreender nova pesquisa em 2009/10 baseada nas questões abordadas na primeira, teremos elementos para produzir

reflexões que colaborem na percepção das condições em que se dá o ensino de história no espaço local, ou seja, em João Pessoa.

### **Os resultados preliminares... há algo de novo?**

Os dados colhidos<sup>6</sup> foram totalmente sistematizados e encontram-se na fase de análise, porém já podemos apreender alguns resultados que foram preliminarmente estudados e que nos dão um desenho inicial para compor o objeto da pesquisa empreendida – o ensino de história na rede pública estadual de João Pessoa.<sup>7</sup>

### **Das escolas**

Com relação à diagnose feita nas escolas e que apresenta a estrutura física, material e de recursos humanos, dados apontam para algumas mudanças nesse interregno de 14 anos. Podemos afirmar que as condições físicas, ou seja, o espaço que constitui as escolas, se mostra satisfatório com boas salas de aula e, infra estrutura apropriada para as demais atividades da escola, sendo registrado, se comparado a pesquisa de 1994/5, a oferta de mais espaços, como por exemplo: laboratórios, salas de leitura, áreas de lazer, entre outros. Já o uso dessa estrutura com os devidos recursos materiais necessários ao seu funcionamento variou conforme o depoimento dos professores e a observação dos pesquisadores, sendo recorrente o fato de que muitos desses espaços são minimamente utilizados.

Vários fatores corroboram para que isso aconteça, seja pela falta dos recursos materiais, seja pela inaptidão no seu uso ou expressa falta de interesse em utilizá-los, já que isso ficou evidente em alguns depoimentos dos professores e funcionários. Por exemplo, os pesquisadores encontraram em algumas escolas salas específicas destinadas para laboratórios de química e física, sem, contudo ter disponibilidade de material adequado para o seu funcionamento, ao tempo em que existiam data show, telas para projeção, salas de informática totalmente equipadas (inclusive com internet), que não era utilizados por professores de nenhuma das disciplinas. Nesse aspecto nada diferiu

---

<sup>6</sup> Os instrumentos de pesquisa aplicados para a coleta de dados foram: Formulário de Diagnose das escolas (7), questionário aplicado com os professores (18) e questionários aplicados com os alunos (126).

<sup>7</sup> Ressaltamos que apesar de tabulados e sistematizados em 2009, os dados referentes às respostas dos alunos se encontram atualmente em fase de análise, assim será tratado neste artigo, dados da diagnose feita nas escolas e do questionários aplicados com os professores.

em relação a realidade encontrada anteriormente, na qual havia o predomínio no uso do livro didático, da lousa e do giz.

Entendemos assim que, o trabalho pedagógico que poderia ter uma maior eficiência, fica limitado às condições oferecidas pela Secretaria de Educação, a exemplo de quando esta oferece espaços educativos sem os materiais necessários ao seu funcionamento e, também quando professores e funcionários se esquivam em empregar apropriadamente o que de fato está disponível e em boas condições de uso.

Com relação aos recursos humanos, a otimização desses profissionais em seus espaços de atuação, variou nas escolas pesquisadas. O que se apresentou em comum com os resultados da pesquisa anterior foi exatamente, a expressiva quantidade de funcionários, tendo em alguns casos, extrapolado em muito o número de professores. Já com relação a esses últimos percebemos o aumento no contingente de profissionais que foram incorporados a rede de ensino através de seleções públicas<sup>8</sup>, como também, para o caso da disciplina de história, se apresentar com formação adequada para o exercício do magistério.

## **Dos professores**

Não temos informações detalhados da pesquisa anterior no que se refere aos dados pessoais dos professores, mas na intenção de traçar o perfil desses, a atual pesquisa apresenta os dados a seguir.

Com relação à questão de gênero dos entrevistados registrou-se a predominância do sexo feminino (67%) frente ao sexo masculino (28%) lecionando história nas escolas pesquisadas. Esses(as) professores(as) apresentam variada faixa etária com destaque para o fato de que, em sua maioria, se encontram acima dos trinta anos de idade predominado em sala de aula professores que tem mais de 16 anos de magistério.

A faixa salarial em que se encontram mostra que mais da metade deles(as) (67%) recebem até três salários mínimos como remuneração e apenas 27% estão acima desse salário. Quanto a formação temos a indicação de que a maioria deles tiveram sua trajetória escolar no sistema público de ensino urbano, no qual agora lecionam.

Outro dado interessante a se considerar nas nossas reflexões indica a opção desses professores com relação à sua graduação em História e ao exercício da profissão.

---

<sup>8</sup> Na pesquisa anterior foi comum encontrar professores que eram contratados como prestadores de serviço (PS) e, parte deles, não possuir formação específica em história, ou estarem ainda cursando a graduação. Alguns desses professores que eram na ocasião da pesquisa de 1994/5 PS, submeteram-se a concurso público e foram aprovados, tornado-se efetivos.

Neste caso é representativa a relação entre o grau de satisfação e as respostas dadas as questões de conteúdo e metodologia do ensino. No quadro a seguir, temos um desenho que caracteriza a identidade profissional desses professores.

<b>Prolicen 1994/5</b>	<b>Prolicen 2009</b>
<b>Por que faz/ensina História?</b>	
Ensino história pelo fato de não haver campo de trabalho na área de filosofia.	Porque é uma disciplina que nos permite construir uma nova visão da vida ou mesmo da nossa história.
Leciona porque ao sair da universidade entrou diretamente na sala de aula.	Para ter conhecimento do passado até o futuro.
É um sacerdócio, faço por amor.	Porque através do ensino de história podemos desvelar o que estava oculto pela memória social e, portanto entender, de uma forma crítica, uma formação política, econômica e cultural do passado.
Porque gosto.	Porque é uma disciplina que nos permite construir uma nova visão da vida ou mesmo da nossa história.
Porque é a matéria que se identifica.	Eu sou apaixonado pela História. É o que mantém em sala de aula é a minha paixão pela disciplina.

Pelo que podemos perceber nas respostas do projeto 1994/5, evidencia-se a escolha da profissão e do exercício do magistério de forma diferenciada entre aqueles(as) que foram direcionados(as) para isso, não necessariamente por opção, mas por contingências do momento, já para outros, assumem o caráter de sacerdócio como está registrado no relatório do Projeto (1994, p. 72)

Sem querermos entrar no mérito da questão, achamos importante refletir sobre como esse profissional conseguiu expressar esse amor tão profundo, e como esta relação com o ensino e saber está vinculada a uma visão de *professor profeta*, tanto propagado pela escola tradicional com base no ideário humanista católico, negando, assim, a sua condição de trabalhador e enquanto agente de transformação.

Das respostas obtidas no projeto 2009, dois professores não se pronunciaram, quatro apenas indicaram em respostas curtas que: Porque gostam (2); Paixão (1) e Afinidade (1). Os demais, ou seja, 12 professores expressaram suas respostas de forma mais elaborada e nas quais, ao contrário da pesquisa anterior, não aparece a questão do sacerdócio. Destaca-se certa concordância do sentimento do papel conscientizador da disciplina que ministram e da relação que podem estabelecer entre presente e passado.

## O uso dos conceitos

As pesquisas 1994/5 e 2009/10, consultaram os(as) professores(as) com relação ao uso de conceitos históricos e concepções do processo ensino aprendizagem. Pelos limites que encerram um artigo, optamos por apresentar três conceitos na perspectiva de apreender qual o tratamento dispensado pelos(as) professores(as) com relação a *tempo e espaço e processo histórico*.

A intenção em inquiri-los através de perguntas abertas teve a finalidade de deixá-los à vontade para responderem o que entendiam sobre tais conceitos. As respostas apontariam ao mesmo tempo para o grau de domínio desses professores com relação à História enquanto área do conhecimento, entenda-se, enquanto ciência; e para o grau de domínio dos elementos pedagógicos que o ato de ensinar pressupõe.

Partindo do princípio de que essas duas dimensões devem caminhar juntas em sala de aula para que o ideal de educação se realize, vejamos, tendo como referencial comparativo os resultados das pesquisas 1994/5 e 2009, como vem se delineando a prática cotidiana desses professores em sala de aula “enquanto agentes de mediação entre o saber histórico acumulado e o repassar desse para os alunos” (SILVA In. PINHEIRO, 1996, p. 78). Houve mudanças? Se as houve, foram significativas? E as continuidades? Vejamos.

<b>Prolicen 1994/5</b>	<b>Prolicen 2009</b>
<b>Qual a sua concepção para tempo e espaço?</b>	
É o lugar onde eu dou aula, a escola é o tempo que o aluno fica comigo	Hoje e agora
Cronologia, escala e universo	É o período que eu tenho para desenvolver meus objetivos
Espaço e tempo está relacionado a ensino e pesquisa	É tudo que você programa para ser trabalhado
	São variantes indissociáveis da história
	O tempo é o espaço onde ocorrem os fatos históricos

Percebe-se, em ambas as pesquisas, duas tendências: primeiro a identificação da categoria tempo-espaço à situação imediata, concreta da sala de aula; segundo, a presentificação do tempo, com a maioria das respostas relacionando tempo-espaço a

atividades cotidianas. A primeira vista, a impressão que fica das respostas dadas<sup>9</sup> foi a de desconhecimento das concepções para tempo e espaço – seja do seu caráter epistemológico, seja do seu caráter pedagógico, ou, sendo mais otimistas, podemos considerar que esses professores não entenderam a questão posta, ou, não tiveram zelo acadêmico para escreverem as respostas.

Essa forma de delimitar conceitos *caros* ao conhecimento histórico científico e ao conhecimento histórico escolar revela limitação, equívoco e precariedade no domínio de um conceito histórico.

O conceito de tempo é polissêmico. O que nos interessa aqui é o tempo e o espaço enquanto conceito histórico. Opõe-se, portanto ao tempo e espaço natural ou mítico das sociedades primitivas. Opõe-se também à concepção positivista que o concebe através de “uma visão de fato histórico, isolado do contexto, neutro e objetivo, sem destacar a idéia de continuidade, contradição e processo na história” (SILVA In. PINHEIRO, 1996, p. 81).

Claro, não se trata aqui de negar a historicidade do presente, pois como afirma LE GOFF (2003, p. 81)

No seio do cotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece nas outras perspectivas da História: a memória. A grande História do cotidiano revela-nos o sentimento daquilo que muda, bem como daquilo que permanece, a própria percepção da História.

Ora, tempo e espaço enquanto conceitos históricos são categorias centrais do pensamento histórico e representa um desafio que se impõe para o ensino e a aprendizagem, pois concebe uma orientação pedagógica relativa ao desenvolvimento do raciocínio histórico por parte dos alunos. O seu entendimento é condição de superação das manipulações da história, é condição para o entendimento de temporalidades e espacialidades diversas. Bloch ilustra bem a importância do conceito de tempo na História, segundo ele “A História é a ciência do homem no tempo ou o estudo das mudanças na duração” (Bloch, 2001, p. 51).

A consequência que a atitude de reduzir o conceito histórico *tempo* apenas à dimensão do presente é a negação da existência de temporalidades diversas. E aqui, percebemos que se nega o passado. Tal problemática já foi analisada por Hobsbawm (1995, p. 13) que concluiu a respeito que

---

<sup>9</sup> Destacamos que foram escolhidas como exemplificação para esse artigo as respostas que apresentaram um mínimo de construção textual.

A destruição do passado – ou melhor os mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres deste século. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.

Essa sobrevalorização do presente em detrimento do passado torna-se ainda mais significativa por operar uma inversão no mínimo curiosa, por muito tempo a História esteve associada ao estudo do passado, assumindo um caráter de quase antítese do presente. O que se apreende hoje é justamente a consideração das varias temporalidades e espacialidades. Segundo Reis (1994, p. 49)

Não se pode falar de um tempo histórico único, mas de tempos históricos plurais, como são plurais as sociedades; não se pode falar de um tempo histórico homogêneo, pois as sociedades são heterogêneas; não se pode falar de um tempo linear, pois as mudanças, quando não reduzidas ao número, não têm direção dada antecipadamente, e as sociedades se relacionam, diferentemente, em cada época, ao seu próprio passado e ao seu futuro.

Portanto, aqui se revela uma deficiência que permanece e pode ser observada no depoimento dos professores, que é a ausência no entendimento das categorias de tempo e espaço no ensino de história.

Alem desses conceitos e como item seguinte do questionário, indagamos sobre o conceito de processo histórico. Em ambas as pesquisas, encontramos a tendência a relacionar processo histórico com fato/acometimento histórico. É o que mostra o quadro a seguir.

<b>Prolicen 1994/5</b>	<b>Prolicen 2009</b>
<b>Qual a sua concepção para processo histórico?</b>	
É a repercussão dos fatos históricos.	É todo o contexto durante o longo do tempo com transformações, evolução e conscientização dos homens.
É o que o homem consegue gradativamente ao conquistar o espaço	Período onde a história se processou, teve seus acontecimentos.
É a divisão da história em Idade Antiga, Idade Medieval, Idade Moderna e Idade Contemporânea.	O processo histórico é o dia-a-dia, tudo é o processo histórico. Você mesmo começa a trabalhar em sala de aula com um aluno o processo histórico mostrando que ele também faz parte desse processo.
É a evolução dos acontecimentos e a dinâmica do trabalho	Relação e desenvolvimento de acontecimentos
	É os fatos que se desenvolveu durante um determinado período.

Podemos ver que as respostas dadas na primeira pesquisa “revelam uma visão do processo histórico baseada numa concepção linear, evolutiva, factual, irreversível, de sentido único e praticamente reduzido a acontecimentos” (SILVA In. PINHEIRO, 1996, p. 82), ou “a visão eurocentrica do processo histórico implica concretamente na exclusão da historicidade do nosso país, do nosso estado, da nossa comunidade, dos nossos alunos” (SILVA In. PINHEIRO, 1996, p.82)

Não se aproxima essas considerações das respostas apresentadas na pesquisa 2009/10? Processo histórico com sinônimo de fato/acontecimento histórico. É como se todas as transformações nos paradigmas historiográficos operadas no século XX considerando, por exemplo, os Annales, a Nova História francesa ou a História social inglesa não fossem tomadas como referencia para a história e seu ensino.

Como relacionar o conceito processo histórico com as realidades locais? Como apreender que processo histórico a partir de descrições factuais e lineares não contemplam em si nenhum significado para os alunos? Como entender que ao tratar do processo histórico, impõem-se as tramas sociais que por princípio são específicas de cada povo? O fato/acontecimento histórico existe, mas só ganham sentido enquanto constitutivo dos processos.

### **Considerações finais**

A resposta a questão presente no título desse artigo - O Ensino de História na Rede Pública Estadual da Cidade de João Pessoa - PB: O que temos de novo?, tomando como referencia as duas pesquisas realizadas e seus resultados até agora analisados tem demonstrado que apesar da renovação historiográfica, da oferta de cursos de formação continuada (oferecidos pelas Secretarias de Educação, por instituições públicas e privadas através de Extensão, Aperfeiçoamento, Especializações, Mestrados e Doutorados), da disponibilidade de livros acadêmicos e dos encontros científicos (Simpósios, Congressos, Encontros, Fóruns, etc), parte dos professores de História das escolas públicas em João Pessoa apresentam dificuldades na compreensão de conceitos históricos básicos necessários a regência do ensino fundamental e médio. Afinal, permanece a questão - O que temos de novo? Temos a certeza de que é preciso mudar desde a formação na graduação até a prática cotidiana se quisermos realmente construir um ensino de história com elementos de renovação permanente.

O caminho se delinea, o novo pode ser uma integração que promova a articulação entre ensino e pesquisa de forma simultânea numa ação integradora entre alunos da graduação estagiários da Licenciatura em História da UFPB e professores e alunos do ensino fundamental e médio em escolas públicas, no sentido de criar novas propostas para o referido ensino. Um passo foi dado, conhecer a realidade!

## REFERÊNCIAS

ABREU Martha e SOIHET, Rachel (Orgs.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BARBOSA, Vilma L. *Contribuições para pensar, fazer e ensinar a história local*. UFRN: Natal/RN, Tese de Doutorado. 2005.

\_\_\_\_\_. Ensino de História local: redescobrimos sentidos. In. *Saeculum*. Revista de História, ano 12, n. 15. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em História, jul./dez. 2006.

BIERSACK, Aletta. Saber local, história local: Geertz e além. In. HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-130.

BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

BLOCH, M. A história os homens e o tempo. In. \_\_\_\_\_. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 51-68.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. São Paulo: EDUSC, 1992.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GASPARELO, Arlete Medeiros, MAGALHÃES, Marcelo Souza e MONTEIRO, Ana Maria. *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, J. *História e memória*. 5ª ed. Campinas/SP: UNICAMP, 2003.

MEDEIROS, Sabrina E. Da historiografia francesa do tempo presente. Disponível no portal <http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/vol2-n2-dez2007/rhc2007.pdf>. Acesso em 17 abr. 2009.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de história: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SILVA, Severino Bezerra. História. In. PINHEIRO, Antônio Carlos F. (org.) *Revelando o ensino público: o entendimento de professores e alunos sobre o ensino de Biologia, Geografia, História e Psicologia*. João Pessoa: A União, 1996. p. 71-98

PORTO JR, Gilson (org.). *História do tempo presente*. Bauru/SP: Edusc, 2007.

REIS, J. C. *Tempo, história e evasão*. Campinas: Papirus, 1994.

RELATÓRIO DE PESQUISA. *O ensino público de 1º e 2º graus no município de João Pessoa – PB: uma análise interdisciplinar*. UFPB: Prolicen, 1994.

SHARPE, Jim, A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62.

SOUZA, Rosa F. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino Primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VEIGA, Cyntia G. e FONSECA, Thais N. Lima.(orgs.) *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2003.